

### Colóquio: “Arte Sineira – Mitos, Ritos e Sons”

Por iniciativa da Universidade Sénior de Figueiró dos Vinhos e no âmbito das suas actividades, teve lugar no passado dia 27 de Março, um Colóquio sobre “Arte Sineira” apresentado pela Dr.<sup>a</sup> Maria Adelaide Furtado, Vice-Presidente da Direcção da Al-Baiáz e investigadora desta área do património cultural imaterial.

Digno de destaque, a presença de alunos, professores e em representação da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, o Vereador da Cultura, José Fidalgo de Abreu Avelar, que procedeu à abertura do colóquio e apresentação da palestrante.

Foi salientado pela oradora que o processo de fundição de sinos rodeou-se ao longo de muitos séculos de uma contradição entre o secretismo profano, próximo da alquimia e simultaneamente do sagrado. Não só as metodologias de fabrico do sino permaneceram inalteradas ao longo de séculos como se perpetuaram superstições quanto à obtenção da sonoridade perfeita.



A comunicação partiu do “estudo de caso” da Fundição de sinos da Boca da Mata - Alvaiázere, como paradigma de uma fundição sineira artesanal no início do século XX, e que perpetuando o secretismo que era prática na Europa, os mestres sineiros transmitiam na família os segredos da arte.

Numa abordagem aos usos sociais e simbólicos do sino na cultura popular, foram identificados os sons marcadores dos tempos (o toque das horas, o sino de correr, o toque da súplica, de campa tangida, de parto difícil, etc.) bem como os toques sineiros mais característicos do rito cristão ocidental (cantar, chorar, repicar, badalar,

bater, etc.) relacionando toques e ritos numa ampla recolha em território nacional.

Os sinos, ao longo de séculos permaneceram no imaginário das populações associados a inúmeras superstições, não só quanto ao processo de fabrico, bem como em rituais na protecção da morte, de perigos ocultos e tempestades, conforme inscrições patentes nos próprios sinos.

Foram ainda apresentadas algumas notas sobre diferenciação social e codificação acústica, bem como a tradição do esconjuro popular e a relação com a sagração (baptismo) dos sinos no Pontifical Romano por iniciativa do Papa João XIII, o que contribuiu para o mito ancestral do poder do sino.

Sobre sonoridade foram referidas fontes históricas de codificação de tratados sineiros, o Tratado Sineiro em Lisboa Setecentista do Padre António Rodrigues Lages e o Cerimonial Seráfico da Ordem Franciscana (séc. XVIII). E ainda sobre acústica foram referidas algumas notas curiosas, tais como a Paleografia Musical da Ordem Beneditina (séc. XIX) que elevaram o canto gregoriano como recitativo e canto livre, e pela oradora apresentado como paralelismo à sonoridade livre e repetitiva do som do sino.

Numa nota final foi divulgado um manuscrito dos mestres sineiros da Fundição da Boca da Mata, autores do carrilhão de seis sinos para a Igreja de Campo Maior (1935) com o registo identificador de cada sino e respectiva nota musical.